

## REGISTROS DA EPIDEMIA DO VÍRUS ZIKA EM TERRAS RECIFENSES: UMA PESQUISA COLETIVA NA ANTROPOLOGIA

Soraya Fleischer<sup>1</sup>

Flávia Borges de Lima<sup>2</sup>



Foto 01: Uma pesquisa coletiva na Antropologia: Experimentos em terras recifenses

Uma nova e intensa epidemia do Vírus Zika eclodiu em 2015 e o Brasil foi particularmente atingido, sobretudo pela intensidade das consequências reprodutivas. Quase quatro mil crianças nasceram com o que se convencionou chamar de Síndrome Congênita do Vírus Zika. Pelas imagens divulgadas intensamente na mídia, todo esse fenômeno passou a ser resumido por um de seus sintomas, a microcefalia.

---

<sup>1</sup> Universidade de Brasília, Brasil. E-mail: [fleischer.soraya@gmail.com](mailto:fleischer.soraya@gmail.com)  
ORCID id: <https://orcid.org/0000-0002-7614-1382>

<sup>2</sup> Empresa Brasil de Comunicação, Brasil. E-mail: [flaviadelima@gmail.com](mailto:flaviadelima@gmail.com)  
ORCID id: <https://orcid.org/0000-0003-2960-736X>

De 2016 a 2019, realizamos pesquisa etnográfica em um dos epicentros da epidemia, a cidade de Recife, em Pernambuco. A opção metodológica foi pela relação continuada e longitudinal e sete visitas semestrais foram feitas à cidade, sempre acompanhando um mesmo conjunto de mães de micro, como elas mesmas passaram a se chamar.

São as mães as principais cuidadoras dessas crianças. Elas percorrem a metrópole com os filhos a tiracolo para garantir vaga nas escolas, reabilitação, consultas com especialistas, medicamentos, doações (como leite em pó, fraldas descartáveis, cadeiras de rodas, sondas de alimentação, órteses etc.). Nós conhecemos seus filhos, companheiros, familiares e vizinhos. Seguimos com elas de ônibus, táxis de aplicativos ou em vans da prefeitura. Frequentamos consultórios médicos, salas de espera, tatames de fisioterapia, reuniões com gestores públicos, com o objetivo de conhecer as rotinas e os desafios enfrentados por elas. Todos esses espaços – em clínicas, hospitais, organizações não-governamentais e órgãos administrativos – se tornaram pontos de convivência e de sociabilidade entre essas mulheres.

Em momentos em que o assunto não ocupa mais espaço na mídia, sobretudo quando uma nova epidemia toma a cena, a antropologia tem se dedicado a pesquisar, acompanhar, analisar e visibilizar os reflexos do vírus Zika, que carrega em si as marcas da falta de saneamento básico nas cidades e da ausência do Estado em suas políticas públicas.

A professora viaja acompanhada de duas ou três estudantes de graduação ou pós-graduação. Para muitas, é a primeira experiência de pesquisa de campo. De modo coletivo, aprendemos pela conversa, convivência e des/acertos de todas. Em duplas ou trios, as neófitas sentem menos timidez e insegurança, perguntas podem ser complementadas, diários de campo podem ser trocados.

A aposta é na pesquisa coletiva, pouco comum na Antropologia que ainda valoriza o carreirismo individual, o cânone do herói masculino, branco e estóico. É, portanto, uma aposta na contramão, embora os resultados sejam muito promissores. Fortalecimento da autoestima, aprendizado mútuo, co-autoria de diários, dados e publicações, complementariedade de habilidades foram todos aspectos exercitados ao longo desses quatro anos de pesquisa. Há o reforço das relações intergeracionais, mais comuns na prática acadêmica, mas também intrageracionais, inclusive considerando que as estudantes e as mães de micro estão dentro do mesmo grupo etário. Mais experiência de trabalho de campo por parte das mais velhas, mais experiência com as mídias digitais por parte das mais novas são um exemplo dessas trocas.

O ensaio pretende mostrar algumas das etapas dessa pesquisa coletiva, quando e onde o grupo estava reunido ou não, quando eram duplas, trios ou a equipe toda. Também são reveladas as técnicas de pesquisa, como observação, anotação, conversa, convivência, fotografia e registros em diários de campo. As antropólogas aparecem em cena. Seus corpos, atitudes e olhares são aspectos visíveis, em vez de ficarem nas entrelinhas ou suposições dos textos. O ensaio fala da epidemia do vírus Zika, mas

também da Antropologia possível no contexto desse drama humanitário, do investimento coletivo como equipe e como relação de pesquisa. Aprendemos juntas – mulheres de Brasília e de Recife – sobre as consequências dessa dramática epidemia que chegou, principalmente, à região brasileira do Nordeste.

**Agradecimentos:**

Ana Claudia Camargo, Raquel Alves, Thais Valim, Aissa Simas, Thais Souza, Amanda Antunes, Lays Lira, Fernanda Vieira estiveram em campo conosco e consentiram o uso das fotografias bem como de serem fotografadas. Também agradecemos aos nossos financiadores: CNPq, Departamento de Antropologia e Decanato de Graduação na Universidade de Brasília.

Recebido: 11/05/2020

Aprovado: 08/12/2020



Foto 02 e 03: Na cidade

Endereço no aplicativo de mapa; decisão pelo melhor ônibus; reconhecimento da parada; encontrando os nomes das ruas e o número da casa.

Carrinho de bebê, rua, morro, mochilas rumo à escola.



Fotos 04, 05 e 06: **Nas casas**

Caderno; colinho; conversa; fotografia.



Fotos 07, 08 e 09: **Nos serviços**

Tomando leite e assistindo palestra sobre judicialização de medicamentos numa associação comunitária.

Assinatura do contrato da Minha Casa Minha Vida.

Fisioterapia três vezes por semana.



Fotos 10, 11 e 12:

**Nas atividades das crianças**

Piscina com os irmãos mais velhos.

Aniversário em família.

Dia das crianças numa organização não governamental de mães raras e mães de micro.



Foto 13 e 14: **Nos registros de campo**

Caderno como companhia; companhia para os diários de campo.



Foto 15: **No final do dia**

Alongamentos, cervejas, avaliação sobre o trabalho e planejamento do dia seguinte.